



## A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NO FORMATO DE GRUPO OPERATIVO- G.O NA USF COLINAS DO SUL II

<sup>1</sup> Aline Carla Freire da Silva; <sup>2</sup> Maria de Fátima Leite Gomes; <sup>3</sup> Elisabete Vitorino Vieira.

<sup>1</sup> Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental – RESMEN/NESC/UFPB; <sup>2</sup> Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, Professora da graduação e Pós-graduação em Serviço Social na UFPB, tutora do programa de residência RESMEN; <sup>3</sup> Doutoranda e professora substituta na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**Área temática:** Inovações em Psicologia, Psicoterapia e Saúde mental

**Modalidade:** Comunicação Oral Online

**E-mail dos autores:** [aline\\_carlafreire@hotmail.com](mailto:aline_carlafreire@hotmail.com)<sup>1</sup>; [fatima.l.gomes2016@gmail.com](mailto:fatima.l.gomes2016@gmail.com)<sup>2</sup>  
[elisabetevv@ufba.br](mailto:elisabetevv@ufba.br)<sup>3</sup>

### RESUMO

Este é um relato de experiência, vivenciada na Unidade de Saúde da Família – USF no Colinas do Sul II, durante a Residência Multiprofissional em Saúde Mental pelo Programa RESMEM/UFPB. Atuando na unidade como cenário de trabalho multiprofissional durante a pandemia da COVID -19, no ano de 2021, percebemos uma recorrência preocupante entre mulheres de 29 a 69 anos com sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Identificamos ali uma oportunidade de realizar um trabalho voltado para a saúde mental e de acolhimento desta demanda. Iniciamos um Grupo Operativo – G.O com atuação multiprofissional e com mulheres do território adscrito à USF integrada do Colinas do Sul II, com o propósito de contribuir para a construção de um processo de trabalho implicado e interprofissional, que proponha novas possibilidades de cuidado em saúde mental para além da prática medicamentosa, considerando as questões relacionadas à interseção dos marcos sociais de gênero, raça e classe social. O G.O baseia-se na experiência de PICHON-RIVIÈRE (1958). Esta metodologia propõe o “fazer conjunto”. O Grupo Operativo é um espaço onde os participantes se reúnem para trabalhar em questões que afetam a vida cotidiana, a partir da dinâmica grupal que emerge dessas interações. O objetivo é que cada membro do grupo possa reconhecer e trabalhar com suas próprias dificuldades, por meio do diálogo e da interação com os outros. Durante a experiência vivenciada no G.O, fizemos articulações no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial - RAPS e espaços intersetoriais. Identificamos maior adesão das mulheres às novas estratégias de cuidado em saúde mental para além da utilização de psicotrópicos; maior participação da equipe de profissionais na unidade USF; apoio mútuo e a desnaturalização das condições de vulnerabilidade e abuso.

**Palavras-chave:** mulheres; AB – atenção básica; saúde mental; G.O-grupo operativo





## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência durante a atuação como assistente social, no período de junho a novembro de 2021, através do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental (RESMEM), na Unidade de Saúde da Família Integrada - USF no bairro do Colinas do Sul II, João Pessoa - PB.

Durante o período de intervenção no cenário de prática, verificamos, como equipe multiprofissional em saúde mental, que havia uma demanda de mulheres com queixas recorrentes quanto ao uso exacerbado de psicofármacos na USF.

Diante disto, iniciamos um diálogo em conjunto com os profissionais que compõem o cenário de prática, para que, juntos com a equipe multiprofissional, pudéssemos alinhar uma estratégia de ação voltada ao acolhimento da demanda em saúde mental.

O período de atuação do Grupo de Mulheres na USF Colinas do Sul II, foi fortemente marcado pela pandemia da COVID-19 que teve repercussões continentais. No Brasil colapsou o sistema de saúde em março e maio de 2021. As mulheres, especialmente, apresentavam com maior recorrência o sofrimento mental manifestado sob múltiplas formas e sintomas.

Nos territórios periféricos, nos deparamos com profundas desigualdades sociais e econômicas, em regra, a oferta dos bens e serviços são insuficientes, principalmente os relacionados a saúde. A vulnerabilidade social se constitui como fator gerador ou potencializador do adoecimento mental. Em 2021, a pandemia da COVID –19 foi somado a esse contexto, configurando o cuidado em saúde mental na Atenção básica um cenário bastante desafiador.

A iniciativa de criar um grupo operativo de mulheres, surgiu como uma possibilidade de acolhimento da demanda de mulheres em sofrimento ou adoecimento mental na atenção básica - porta de entrada que direciona o fluxo na Rede de Atenção Psicossocial – RAPS.

As ações foram pautadas, a partir da metodologia de Grupos Operativos - G.O, tendo como referencial teórico a experiência de laboratório social ou de trabalho de comunidade, desenvolvida na “Experiência de Rosário” (1958), dirigida pelo Dr. Enrique Pichon-Riviere.

Esta iniciativa do G.O no território da USF Colinas do Sul II, teve a pretensão de ser uma estratégia proativa que possibilitasse a identificação e o acolhimento das demandas em seus primeiros



sinais/sintomas, buscando atuar na prevenção e redução de situações crônicas e desafiadoras aos serviços de saúde, familiares e, principalmente às mulheres em adoecimento.

## 1. OBJETIVOS

Contribuir para a construção do trabalho multiprofissional, na USF Colinas do Sul II, à luz da metodologia do “Grupo Operativo Carolina de Jesus”, a fim de possibilitar o cuidado em saúde mental, para além da prática medicamentosa, considerando as questões relacionadas a interseção de gênero, raça e classe social.

## 2. MÉTODOS

A metodologia utilizada é a de Grupo Operativo, baseado na experiência de PICHON-RIVIÈRE (1958). Esta metodologia propõe o “fazer conjunto”, as ações são combinadas de forma que levem o grupo a alcançar o seu objetivo por meio da execução de tarefas.

Nesta perspectiva, os processos de aprendizagem acontecem dialeticamente, de forma consciente e inconsciente.

O Grupo Operativo – G.O no Colinas do Sul II, foi organizado em encontros quinzenais, utilizando o espaço da academia de saúde, dispositivo da rede de atenção à saúde do território. O formato utilizado era o de roda de conversas e de depoimentos de todos os profissionais envolvidos, e das mulheres do grupo.

O roteiro dos encontros era configurado da seguinte forma: abríamos sempre a conversa com saudações e boas-vindas, em seguida, retomávamos o ponto de partida do último encontro, fazendo uma conexão com os acordos de sigilo e respeito com a pactuação do “espaço protegido” para as narrativas pessoais. No terceiro momento iniciávamos com o tema disparador, que poderia ser a leitura de um texto, ou um poema, noticiário, ou outro sugerido pelas frequentadoras, como por exemplo, questões relacionadas à saúde mental, violência, projetos de vida entre outros.

A conversa sempre era conduzida por um viés crítico da realidade social que atravessava o território, as intersecções entre os marcadores sociais de gênero, raça e classe social e os seus





rebatimentos para a saúde mental das mulheres frequentadoras, após identificar as demandas levantadas no G.O, discutíamos no grupo as possibilidades de intervenção para a superação dos desafios e as interlocuções entre os serviços da Rede de Atenção Psicossocial- RAPS do Distrito Sanitário II.

### 3. RESULTADOS

Ao avaliar todo o trajeto que percorremos com os encontros do G.O, compreendemos o quão importante é a escuta qualificada nos espaços de cuidado em saúde. Na atenção básica, cuja responsabilidade é ordenar os serviços em saúde, a escuta qualificada pode salvar vidas, reduzir tempo de espera e custos, aplicando tecnologias leves e efetivas. A escuta qualificada legitima narrativas, acolhe e cuida.

Identificamos como principais resultados expressivos de mudança, as narrativas e a construção de diálogo entre as mulheres participantes das ações desenvolvidas no G.O; A atuação do G.O contribuiu para a resistência à naturalização da precariedade das condições sociais e de desumanização; maior percepção na identificação dos abusos e contra objetificação da mulher negra; reconhecimento da sobrecarga da responsabilidade materna e a construção social desta para o trabalho; educação popular contra o racismo, a violência e subalternização de meninas e mulheres.

### 4. DISCUSSÃO

Durante a experiência vivenciada no grupo de mulheres da USF – Unidade de Saúde Família integrada - Colinas do Sul II, foram realizados os encontros no formato metodológico de G.O, e associado às tarefas, articulações intersetoriais.

Os espaços de articulação foram: o Centro de Referência da Mulher Ednalva Bezerra - CRMEB, para demandas relacionadas a violência doméstica; a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos SEDH, Gerência do SUAS - para demandas relacionadas à documentação básica e declaração de registro tardio, O Centro de Referência de Práticas Integrativas e Complementares CRPICS – Canto da harmonia no Valentina de Figueiredo e Equilíbrio do Ser nos Bancários, CAPS





Transtorno III Caminhar no bairro dos bancários, referência no território e o CAPS AD Rangel, com relação ao uso abusivo de substâncias. Os CRAS – Centros de Referência da Assistência Social, Gervásio Maia e Colinas do Sul II. e FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência no Bairro dos Estados.

## 5. CONCLUSÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada três mulheres, cerca de 736 milhões de pessoas, é submetida à violência física ou sexual ao longo da vida (ACNUDH). Essa triste estatística expressa o grau de urgência com a qual os serviços de apoio, as políticas preventivas e os serviços da rede de assistência precisam agir de forma intersetorial. Apesar do entendimento comum de que a intersetorialidade é o principal instrumento de efetivação das políticas públicas, ainda é um desafio a ser consolidado pois exige integração entre as diferentes políticas setoriais.

Ainda pesa sobre as mulheres vítimas de violência e com transtorno mental a deslegitimação de suas narrativas. As mulheres que participaram do G.O no Colinas do Sul II, em parte, são expressões desse universo de violências, considerando, ainda, que os transtornos mentais que lhes acometiam, geravam estigmas sociais acrescidos ao gênero, raça e classe social.

Todavia, considerando as atividades desenvolvidas pelo G.O foram observadas sinalizações acerca das narrativas das mulheres, na fase conclusiva dos encontros realizados, que indicaram: maior adesão das mulheres a buscar novas estratégias de cuidado para a saúde mental, complementares à utilização de psicotrópicos; maior interação e participação da equipe de profissionais na unidade USF – Colinas do Sul II; apoio mútuo entre as participantes; maior prestatividade e adesão às atividades realizadas, disposição para ajudar.

## 6. REFERÊNCIAS

APPEL, Nicolle Montardo. O Assistente Social inserido na saúde mental e suas estratégias de intervenção. *In*: VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2017, São Luís. **Anais da JOINPP – 2017**. São Luís: UFMA, 2017. Disponível em:





<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo8/oassistentesocialinseridonasaudemental esuasestrategiasdeintervencao.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

BARBOSA, Isabelle Ribeiro; AIQUOC, Kezauyn Miranda; SOUZA, Talita Araújo de. Raça e saúde: múltiplos olhares sobre a saúde da população negra no Brasil. Natal: EDUFRN, 2021.

Disponível em:

[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/44949/3/Ra%C3%A7aSaude\\_Barbosa\\_Aiquoc\\_Souza\\_2021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/44949/3/Ra%C3%A7aSaude_Barbosa_Aiquoc_Souza_2021.pdf). Acesso em: 10 maio 2023.

BARBOSA, Vilkiãne N. Malherme. MOURA JR, James Ferreira. Intersecções entre Gênero, Raça e Pobreza na vida de Mulheres no Nordeste do Brasil. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 4, p. 2021. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/64031/40130>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF, 2001. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm). Acesso em: 10 maio 2023.

BREDOW, Suleima Gomes; DRAVANZ, Glória Maria, Atuação do Serviço Social na Saúde Mental: entre os desafios e perspectivas para efetivação de uma política intersetorial, integral e resolutiva. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 229 - 243, ago./dez. 2010

CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. Revista Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 10, n. 1, p. 209-214, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/m7m9gHtbZrMc4VxnBTKMXxS/?format=pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

